

**PSIQUE FRAGMENTADA: UMA ANÁLISE JUNGUIANA DOS ARQUÉTIPOS DA SOMBRA, ANIMA E COMPLEXO MATERNO NO CASO DE EDWARD THEODORE GEIN**

**FRAGMENTED PSYCHE: A JUNGIAN ANALYSIS OF THE ARCHETYPES OF SHADOW, ANIMA, AND MOTHER COMPLEX IN THE CASE OF EDWARD THEODORE GEIN**

**PSIQUE FRAGMENTADA: UN ANÁLISIS JUNGIANO DE LOS ARQUETIPOS DE SOMBRA, ÁNIMA Y COMPLEJO MADRE EN EL CASO DE EDWARD THEODORE GEIN**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-240>

**Data de submissão:** 22/11/2025

**Data de publicação:** 22/12/2025

**Sabrina Reis Gomes Ferreira**

Graduanda em Psicologia

Instituição: UniMT - Faculdades Integradas

E-mail: sabferreira.psi@outlook.com

Lattes:

[https://wwws.cnpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=244081980872D083E8F9739F8E8EF574#](https://wwws.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=244081980872D083E8F9739F8E8EF574#)

**Graziele Rocha Lima**

Graduanda em Psicologia

Instituição: UniMT - Faculdades Integradas

E-mail: grazypsilima@hotmail

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-8307-1837>

**Rafhia Gabrielly Medeiros Cardoso**

Graduanda em Psicologia

Instituição: UniMT - Faculdades Integradas

E-mail: rafhiagabrielly@icloud.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5987-200X>

**Patric Vasconcelos dos Santos**

Especialista em Psicologia Analítica

Instituição: Instituto Multiprofissional em Clínica e Pós-Graduação (IMCP)

E-mail: patricvas@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4104-1371>

**RESUMO**

Este artigo realiza uma análise teórica do caso de Edward Theodore Gein pela perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Por meio de uma abordagem bibliográfica qualitativa, investiga as dinâmicas psíquicas complexas subjacentes a suas manifestações comportamentais, com ênfase na expressão dos arquétipos da Sombra, da Anima e do Complexo Materno, bem como em suas interconexões com o arquétipo da Grande Mãe. A pesquisa transcende diagnósticos psiquiátricos

convencionais ao interpretar tais comportamentos como expressões simbólicas de desequilíbrios profundos no inconsciente coletivo e de uma interrupção significativa no processo de individuação.

**Palavras-chave:** Psicologia Analítica. Ed Gein. Arquétipo. Sombra. Anima. Complexo Materno. Processo de Individuação.

## ABSTRACT

This article presents a theoretical analysis of the Edward Theodore Gein case through the lens of Carl Gustav Jung's Analytical Psychology. Using a qualitative bibliographic approach, it investigates the complex psychic dynamics underlying his behavioral manifestations, with particular focus on the expression of the Shadow, Anima, and Mother Complex archetypes and their interconnections with the Great Mother archetype. The study moves beyond conventional psychiatric diagnoses by interpreting these behaviors as symbolic expressions of profound imbalances within the collective unconscious and significant disruptions in the individuation process.

**Keywords:** Analytical Psychology. Ed Gein. Archetype. Shadow. Anima. Mother Complex. Individuation Process.

## RESUMEN

Este artículo presenta un análisis teórico del caso de Edward Theodore Gein desde la perspectiva de la Psicología Analítica de Carl Gustav Jung. Mediante un enfoque bibliográfico cualitativo, se investiga la compleja dinámica psíquica subyacente a sus manifestaciones conductuales, haciendo hincapié en la expresión de los arquetipos de la Sombra, el Ánima y el Complejo Materno, así como sus interconexiones con el arquetipo de la Gran Madre. La investigación trasciende los diagnósticos psiquiátricos convencionales al interpretar dichas conductas como expresiones simbólicas de profundos desequilibrios en el inconsciente colectivo y una interrupción significativa en el proceso de individuación.

**Palabras clave:** Psicología Analítica. Ed Gein. Arquetipo. Sombra. Ánima. Complejo Materno. Proceso de Individuación.

## 1 INTRODUÇÃO

Edward Theodore Gein (1906–1984) constitui uma das figuras mais emblemáticas e desafiadoras para os estudos da psicologia profunda contemporânea. Suas manifestações comportamentais, registradas na década de 1950 em Plainfield, Wisconsin, extrapolam os limites da psicopatologia convencional, assumindo contornos de uma representação arquetípica no imaginário cultural ocidental. A recorrência de sua figura em produções cinematográficas e literárias revela não apenas o fascínio popular pelo macabro, mas também a ressonância simbólica de um fenômeno psíquico de notável complexidade, frequentemente obscurecido pelo sensacionalismo midiático.

À luz da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, que concebe o inconsciente coletivo como repositório de imagens e padrões universais — os arquétipos —, este estudo propõe uma leitura simbólica das condutas de Gein. Conforme postula a teoria, quando reprimidos ou negados, tais conteúdos arquetípicos tendem a emergir de forma autônoma, desorganizada e potencialmente destrutiva. Assim, mais do que um caso clínico isolado, Gein pode ser compreendido como expressão de forças inconscientes profundas que, privadas de canais legítimos de integração, irrompem na consciência por vias distorcidas e socialmente inaceitáveis.

Partindo da hipótese de que manifestações extremas como as de Gein não se restringem ao âmbito da patologia individual, mas revelam conteúdos arcaicos dissociados do processo de individuação, esta pesquisa busca ampliar a compreensão desses fenômenos. Ao adotar uma perspectiva simbólica e não moralizante, pretende-se inseri-los no contexto mais amplo da dinâmica arquetípica universal, contribuindo para uma abordagem mais integrativa e menos reducionista da psicologia dos extremos.

## 2 FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA JUNGUIANA

A Psicologia Analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung (1875-1961), constitui um dos pilares da psicologia profunda. Segundo Whitmont (1998), essa abordagem caracteriza-se pela atenção aos aspectos simbólicos e arquetípicos da psique, transcendendo perspectivas reducionistas que limitam a compreensão dos fenômenos psíquicos a determinações causais lineares. Jung (2008) propõe uma visão ampliada da psique, organizada em torno de sistemas dinâmicos interconectados: o ego, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

O inconsciente coletivo, conceito nuclear na obra junguiana, constitui-se como "a camada mais profunda da psique, contendo os padrões universais de comportamento e imaginação que constituem a herança psíquica da humanidade" (Jung, 2008, p. 43). Tais padrões universais, denominados arquétipos, refletem tendências inatas da psique humana para organizar a experiência

em imagens e narrativas transcedentais. Em uma metáfora elucidativa, Samuels (2024) compara os arquétipos a "leitos dos rios por onde correm as águas da experiência humana — invisíveis, mas determinantes do curso que as águas seguirão" (p. 88).

O processo de individuação, outro conceito central, refere-se ao desenvolvimento progressivo da personalidade em direção à totalidade psíquica. Segundo Stein (2000), trata-se do "processo pelo qual o indivíduo se torna aquilo que está destinado a ser, realizando seu Self único através da integração consciente dos conteúdos inconscientes" (p. 67). Esse processo envolve necessariamente o confronto e a integração de arquétipos fundamentais, como a Sombra (o aspecto reprimido e desconhecido da personalidade), a Anima/Animus (a imagem do contra-sexual interno) e a Persona (a máscara social adaptativa).

### **3 O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA PERSPECTIVA JUNGUIANA**

O arquétipo da Sombra, conforme elaborado por Jung (2012), personifica o conjunto de aspectos reprimidos, negados ou não desenvolvidos da personalidade — tudo aquilo que o ego, por razões adaptativas ou morais, se recusa a reconhecer como parte do self. Esses conteúdos, uma vez dissociados da consciência, não se dissipam; permanecem ativos e energeticamente carregados no inconsciente, com potencial para emergir de forma autônoma e compulsiva quando os mecanismos de repressão se tornam frágeis ou são sobrecarregados.

Do ponto de vista estrutural, Jung (2012) define a Sombra como aquilo que "representa primeiro que tudo a totalidade do inconsciente, isto é, tudo aquilo que uma pessoa não pode reconhecer em si mesma" (p. 102). Ela atua, nas palavras de Von Franz (1990), como uma ponte dinâmica entre o inconsciente e o consciente, cuja integração progressiva é um passo indispensável no processo de individuação. Quando conscientemente assimilada, a Sombra confere vitalidade, espontaneidade e profundidade à personalidade. Quando rigidamente negada, no entanto, tende a manifestar-se através de projeções, impulsos e compulsões de alta intensidade energética, frequentemente assumindo um caráter destrutivo e autossabotador.

É crucial, contudo, evitar uma visão meramente pejorativa. Como destacam Zweig e Abrams (1991), "a Sombra não consiste apenas de aspectos negativos, mas contém também qualidades positivas que, por diversas razões, não foram permitidas à consciência" (p. 45). Essa concepção mais matizada revela a Sombra como um complexo multifacetado, que abriga tanto potenciais criativos adormecidos quanto impulsos destrutivos, ambos essenciais para a constituição da totalidade psíquica. No contexto de patologias graves, como no caso em estudo, é justamente o aspecto

destrutivo e não integrado da Sombra que se torna hiperativo, dominando a paisagem psíquica e comportamental.

#### **4 O ARQUÉTIPO DA ANIMA E SUA DINÂMICA NA PSIQUE MASCULINA**

Para Jung (2014), a Anima representa o arquétipo do princípio feminino na psique masculina, funcionando como mediadora essencial entre o ego consciente e as profundezas do inconsciente coletivo. Esse fator psíquico é responsável pela conexão do homem com o universo das emoções, da intuição, da sensibilidade e dos relacionamentos profundos. Conforme o autor postula, "a Anima é a imagem da mulher que todo homem carrega dentro de si, e sua integração é condição indispensável para a criatividade autêntica e para relacionamentos significativos" (Jung, 2014, p. 67).

Quando devidamente integrada, a Anima capacita o homem para a profundidade emocional, a receptividade criativa e a capacidade de vínculo autêntico. Quando persistentemente reprimida ou negada, contudo, transforma-se numa força autônoma e perturbadora, projetando-se no mundo externo sob a forma de idealizações irrealistas, de fascínio patológico ou de hostilidade intensa em relação ao feminino. Emma Jung (2006) descreve essa integração como fundamental para o equilíbrio psicológico masculino, pois a Anima simboliza precisamente a ponte crucial entre o ego e os conteúdos inconscientes mais profundos.

Neumann (2001) acrescenta que "a recusa do princípio feminino no homem conduz inevitavelmente à inflação da masculinidade unidimensional e ao empobrecimento progressivo do mundo emocional" (p. 134). Essa dinâmica, quando levada ao extremo, pode resultar na completa dissociação entre os aspectos racionais e emocionais da personalidade. No contexto psicopatológico, uma Anima não integrada e regressiva pode fundir-se com conteúdos da Sombra, dando origem a complexos de poder destrutivo nos quais a imagem do feminino é simultaneamente idolatrada, temida e violentamente controlada — uma configuração psíquica relevante para a compreensão de distúrbios de conduta extrema.

#### **5 O COMPLEXO MATERNO E O ARQUÉTIPO DA GRANDE MÃE**

Na psicologia analítica, o Complexo Materno constitui uma das estruturas mais fundamentais da psique, originando-se da experiência primordial com a figura materna real e moldando decisivamente o desenvolvimento da personalidade. Conforme Jung (2012), quando essa figura exibe traços excessivamente controladores, possessivos ou opressivos, tende a cristalizar o que se denomina Complexo Materno Negativo. Este mantém o indivíduo em uma relação psíquica simbiótica e incapacitante, impedindo a emancipação do ego e a progressão do processo de individuação.

Stein (2000) aprofunda essa visão ao descrevê-lo como "uma prisão dourada, da qual o indivíduo só consegue emancipar-se através do sacrifício simbólico da mãe interior" (p. 112). Essa dimensão patológica do complexo vincula-se intrinsecamente ao arquétipo da Grande Mãe (Magna Mater), elaborado por Neumann (2001) como a representação arquetípica do feminino em sua dupla e paradoxal potencialidade: criadora e destruidora, nutritória e devoradora.

Em sua face negativa, esse arquétipo manifesta-se como a Mãe Terrível (Mater Terrible), que representa nas palavras de Neumann (2001), "o aspecto terrível da maternidade que impede a individuação, retém o ego em sua esfera e impossibilita o desenvolvimento da autonomia psíquica" (p. 78). A integração bem-sucedida deste arquétipo exige, portanto, o reconhecimento e a transcendência simbólica de seu aspecto devorador. No contexto de uma psicopatologia extrema, como a que se explora neste estudo, a falha catastrófica nesse processo de diferenciação pode resultar na identificação total do ego com o arquétipo da Mãe Terrível. O indivíduo, então, não mais possui um complexo materno; ele torna-se um instrumento de sua lógica arcaica e destrutiva, vivendo de forma literal e concretista os aspectos mais sombrios deste arquétipo — a possessão, a retenção e a incorporação física do objeto de desejo/ódio.

## **6 ANÁLISE DO CASO EDWARD THEODORE GEIN**

### **6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E BIOGRÁFICA**

Edward Theodore Gein nasceu em 27 de agosto de 1906, em La Crosse, Wisconsin, sendo filho de George Philip Gein e Augusta Wilhelmine Gein. Desde a infância, sua dinâmica familiar foi marcada por distorções relacionais profundas, com a figura materna assumindo uma posição de dominância absoluta. Augusta Gein, uma mulher de fervor religioso extremo e moralidade rígida, cultivava uma visão visceralmente negativa do mundo exterior, retratando-o como um lugar de corrupção moral e perigo espiritual do qual seu filho precisava ser protegido a qualquer custo.

Conforme analisa Schefler (2014), "Augusta Gein empreendeu um sistema de controle sobre o filho que combinava dominação emocional, isolamento social e doutrinação religiosa distorcida" (p. 215). Essa configuração familiar patogênica criou o terreno ideal para a cristalização de um Complexo Materno Negativo de intensidade excepcional. Nele, Edward Gein foi progressivamente moldado para funcionar como uma extensão narcísica da mãe, em uma relação simbiótica tão desequilibrada que praticamente eliminou qualquer espaço para o desenvolvimento de um ego autônomo e de uma identidade pessoal diferenciada.

O isolamento social de Gein foi metódicamente implementado e intensificado ao longo dos anos por meio de estratégias como a educação domiciliar, a proibição rigorosa de relacionamentos

com pares e a vigilância constante sobre seus pensamentos e ações. Esse ambiente psíquico constituiu uma verdadeira prisão dourada (Stein, 2000), onde não apenas os impulsos naturais da adolescência e da idade adulta foram reprimidos, mas onde a própria noção de um self separado da figura materna foi sistematicamente aniquilada. Tal contexto fornece a matriz indispensável para compreender a posterior irrupção de conteúdos arquetípicos de forma literal e distorcida, pois a individuação — processo de separação e integração — foi aqui radicalmente impedida em sua raiz.

## 6.2 A SOMBRA E SUAS EXPRESSÕES AUTÔNOMAS NO CASO GEIN

A análise das manifestações comportamentais de Edward Gein através da lente do arquétipo da Sombra revela um padrão inequívoco de repressão radical e subsequente emergência autônoma de conteúdos psíquicos profundamente dissociados. O isolamento absoluto e o domínio materno totalitário impediram de forma decisiva qualquer possibilidade de elaboração consciente e integrada de seus impulsos instintivos básicos — especialmente aqueles relacionados à sexualidade, à agressividade e à mortalidade.

Conforme Hillman (1997) adverte, "a repressão extrema da Sombra resulta inevitavelmente no acúmulo de energia psíquica que, ao liberar-se, tende a expressar-se através de atos de intensidade incomum e caráter disruptivo" (p. 156). No caso de Gein, essa dinâmica psíquica cativa exteriorizou-se de forma literal e macabra: na violação ritualística de sepulturas, na profanação de cadáveres e na confecção de artefatos domésticos a partir de restos humanos.

Essas manifestações constituem, na perspectiva junguiana, a expressão crua e simbólica da Sombra em sua forma mais primitiva e não mediada. Como observa Von Franz (1990), "quando a Sombra é completamente negada o acesso à consciência, ela não desaparece; antes, acumula-se no inconsciente até atingir uma massa crítica que a capacita para irromper na consciência de maneira autônoma e frequentemente aterradora" (p. 89). A psique de Gein tornou-se o palco dessa irrupção catastrófica.

A peculiaridade de suas ações — notadamente a fixação em criar artefatos como "coletes" e "máscaras" a partir de pele humana — transcende a mera violência, sugerindo uma tentativa profundamente distorcida, porém simbolicamente carregada, de resolver questões fundamentais de identidade e self. Trata-se de uma tentativa desesperada de materializar uma pele psíquica, de constituir um ego através da apropriação física e concreta do "outro". Esta interpretação alinha-se com a visão de Hillman (1997) de que "o comportamento psicótico frequentemente encerra tentativas desesperadas da psique de comunicar conteúdos arquetípicos que não encontram outros meios de

expressão" (p. 167). Em Gein, a Sombra não apenas irrompeu; ela buscou, de forma horrenda e falhada, criar uma forma.

### 6.3 A ANIMA REPRIMIDA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS

A negação sistemática do arquétipo da Anima na psique de Edward Gein constitui uma dimensão central para a compreensão de sua psicopatologia. As proibições absolutas impostas pela mãe em relação ao contato com mulheres, somadas a uma educação sexual repressiva e patologizante, criaram um terreno onde qualquer relação saudável com o princípio feminino tornou-se impossível. Em vez de se desenvolver como uma ponte para o inconsciente e para o relacionamento, a Anima foi forçada à clandestinidade psíquica.

Como descreve Emma Jung (2006), "a Anima reprimida transforma-se em fonte de projeções intensas e distorcidas, nas quais o feminino é simultaneamente idealizado e temido, desejado e rejeitado" (p. 78). Essa dinâmica paradoxal materializou-se de forma trágica no caso Gein. Sua incapacidade total de estabelecer vínculos reais com mulheres vivas levou a uma substituição macabra: o feminino vivo foi substituído por uma representação literalizada e estática, encontrada nos cadáveres e nos artefatos confeccionados a partir deles. A mulher, como sujeito, desapareceu; restou apenas o objeto inanimado, sobre o qual ele podia exercer um controle absoluto e isento do perigo do relacionamento.

Sua tentativa de "recriar" a figura materna — e, por extensão, o feminino — através da manipulação de corpos femininos mortos expressa, portanto, um impulso inconsciente de reconexão com o princípio negado. Contudo, esse impulso só pôde se manifestar através dos meios mais regressivos e fragmentados disponíveis para uma psique tão gravemente danificada. Conforme afirma Neumann (2001), "a psique negada retorna sempre, ainda que através de forma que a consciência não pode reconhecer como próprias" (p. 156). Em Gein, o retorno do feminino reprimido assumiu a forma da necrofilia e do fetichismo corporal.

A escolha seletiva por corpos femininos revela, ainda, uma camada mais profunda: uma tentativa desesperada e arcaica de estabelecer contato não com a Anima em sua função relacional, mas com o arquétipo da Grande Mãe em seu aspecto mais primordial e terrífico. Como analisa Von Franz (1995), referindo-se à "mãe obscura" – associada à figura de Têmis –, este aspecto representa "a maneira pela qual a Natureza retifica a lei masculina num sentido total e natural", manifestando-se como uma "vingança do aspecto sombrio do Deus" (p. 60). Na mitologia grega, essa força é personificada por Gaia, a Terra primordial, entendida simultaneamente como ventre gerador e útero terrível que devora. Essa é a essência da Mater Terrible. Seus atos não buscavam um relacionamento,

mas uma fusão regressiva com essa fonte materna arquetípica, agora experimentada apenas através da matéria corpórea inerte. Dessa forma, a Anima reprimida e a Mãe Terrível confundem-se em sua psique, resultando em uma compulsão que era, ao mesmo tempo, um ato falho de amor (pela mãe internalizada) e uma expressão literal da face devoradora do arquétipo materno — uma repetição inconsciente do poder tanto gerador quanto aniquilador de Gaia.

#### 6.4 O COMPLEXO MATERNO NEGATIVO E A IDENTIFICAÇÃO COM A MÃE TERRÍVEL

A relação de Edward Gein com sua mãe, Augusta, constitui o eixo matriz de sua psicopatologia. Augusta encarnava, com intensidade extraordinária, a dualidade arquetípica da mãe descrita por Jung (2011), alternando-se entre os polos da mãe nutridora e da mãe devoradora (*Mater Terrible*). Esta ambivalência radical — ser a única fonte de "amor" e, ao mesmo tempo, a fonte de todas as proibições e do terror moral — gerou uma fixação arquetípica que impossibilitou qualquer movimento genuíno de individuação. Seu amor era a própria prisão.

Conforme observa Von Franz (1995), "o complexo materno não resolvido mantém o indivíduo cativo à imagem materna arquetípica, impedindo o desenvolvimento da autonomia e da identidade próprias" (p. 134). No caso de Gein, essa estrutura psíquica não apenas o manteve cativo em vida, mas tornou a figura materna uma presença mais poderosa após sua morte física. Privado do objeto externo de sua dependência simbiótica, sua psique regrediu a um estado de concretismo arcaico, onde a presença materna teve que ser literalmente reconstituída através da manipulação de cadáveres e da confecção de artefatos. Os corpos femininos tornaram-se, então, matéria-prima para a reencenação física do complexo.

A morte de Augusta em 1945 representou, assim, o evento catalisador da catástrofe psíquica. A frágil estrutura egóica de Gein, que existia apenas como reflexo da vontade materna, desintegrou-se. Como analisa Schefler (2014), ocorreu "a dissolução da frágil estrutura egóica sob a pressão de conteúdos arquetípicos que não mais encontravam a barreira representada pela internalização da figura materna" (p. 222). Sem o ego para mediar, o arquétipo da *Mater Terrible* — já plenamente ativado pelo complexo negativo — assumiu o comando direto da personalidade. Gein não estava mais influenciado por sua mãe ou por um complexo; ele havia se identificado com o arquétipo em sua face mais sombria. Suas ações subsequentes não foram as de um filho enlutado, mas os rituais literais de um psiquismo possuído pelo arquétipo da Mãe Terrível, tentando restaurar, através da matéria morta, a fusão simbiótica que era a única forma de "existência" que ele conhecia.

## 6.5 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO INTERROMPIDO: UMA SÍNTESE ARQUETÍPICA

Uma análise do caso Gein através da lente do processo de individuação revela não uma mera patologia, mas um quadro de interrupção catastrófica do desenvolvimento psíquico. Conforme define Jung (2016), "a individuação representa o processo pelo qual o indivíduo se torna um ser psicológico único, indivisível, um self autônomo e integrado" (p. 123). Em Edward Gein, esse processo foi brutalmente truncado em seus estágios mais primordiais, resultando em uma estrutura psíquica caracterizada pela fragilidade extrema do ego e, consequentemente, pela dominação direta de forças arquetípicas autônomas.

Como afirma Hopcke (2012), "a individuação exige necessariamente o enfrentamento consciente da Sombra e a aceitação progressiva do feminino interno" (p. 89). Ambas as tarefas fundamentais se mostraram impossíveis para Gein, dado o cárcere psíquico imposto pelo complexo materno negativo. Sem a possibilidade de integração simbólica, a energia colossal associada a esses arquétipos — a Sombra, a Anima reprimida, a Mater Terrible — não pôde ser canalizada para o crescimento. Em vez disso, divergiu em manifestações literais e concretas de desintegração, onde o conflito psíquico foi encenado no plano mais físico e macabro possível.

As manifestações comportamentais específicas de Gein — a necrofilia, a violação de túmulos e a confecção de artefatos — podem ser lidas, nesta perspectiva final, como sintomas trágicos de uma busca falhada por totalidade. Elas representam tentativas inconscientes e desesperadas de unificar, através de um ato concreto, polaridades psíquicas fundamentais que jamais puderam se encontrar no plano simbólico: vida e morte (através dos cadáveres), masculino e feminino (através da posse do corpo feminino), self e outro (através da incorporação física). Como observa Hillman (1997), "o comportamento psicótico frequentemente representa esforços trágicos da psique de alcançar totalidade através de meios disponíveis, ainda que estes meios sejam socialmente inaceitáveis e psiquicamente fragmentados" (p. 178).

O caso de Edward Gein, portanto, transcende o sensacionalismo criminoso para se erigir como um estudo de caso arquetípico sobre o destino da psique quando o processo de individuação é sufocado. Ele ilustra, de forma extrema e pedagógica, como os arquétipos, quando negados seus canais legítimos de expressão simbólica, irrompem de forma autônoma, literal e destrutiva. Gein não foi apenas um assassino; foi um homem cuja psique, privada da possibilidade de tornar-se um self, tornou-se um palco onde os dramas mais antigos da humanidade foram encenados com um realismo aterrador.

## 6.6 ANÁLISE SIMBÓLICA APROFUNDADA: A SOMBRA COLETIVA E A PROJEÇÃO SOCIAL

A figura de Edward Gein transcende em significado o campo da patologia individual, assumindo dimensões arquetípicas significativas na psique coletiva ocidental. Conforme define Jung (2012), a Sombra coletiva consiste no "lado não integrado da sociedade, reprimido e projetado em grupos ou indivíduos que encarnam aspectos rejeitados da experiência humana" (p. 78). Gein, através de sua transformação midiática e cinematográfica no "Monstro de Plainfield", tornou-se um veículo privilegiado para a projeção maciça desses conteúdos sombrios coletivos. Sua persona pública deixou de ser a de um homem doente para tornar-se um símbolo vivo do inominável.

Como observa Schefler (2014), "a sociedade frequentemente necessita de figuras como Gein para personificar aspectos da experiência humana que não pode integrar em sua autoimagem consciente" (p. 220). Essa dinâmica projetiva — localizar externamente, em figuras marginalizadas e monstruosas, os aspectos perturbadores da condição humana — permite que a coletividade preserve uma ilusão de normalidade, civilização e moralidade intactas. O "mal" é, assim, circunscrito à figura do outro anômalo, absolvendo a comunidade de confrontar suas próprias sombras.

O horror específico e duradouro despertado pelos atos de Gein, especialmente sua violação do tabu fundamental que separa os vivos dos mortos, reflete, nesta leitura simbólica, um temor coletivo profundo. É o medo da fragilidade dos limites civilizatórios e da permanência latente de impulsos arcaicos no substrato do inconsciente humano. Como afirma Von Franz (1985), "o horror que determinadas figuras despertam é sempre proporcional à força com que representam aspectos da Sombra coletiva que a sociedade se recusa a reconhecer como próprios" (p. 134).

Dessa forma, o caso Gein opera em dois níveis entrelaçados: como expressão de uma patologia individual radical, na qual o processo de individuação foi substituído pela possessão arquetípica; e como símbolo cultural, um espelho sombrio no qual a sociedade projetou seus próprios conteúdos reprimidos de morte, sexualidade pervertida e desintegração da identidade. Se, em nível individual, Gein fracassou tragicamente em integrar sua Sombra, em nível coletivo, sua figura foi hiper investida justamente como depositária da Sombra que a sociedade igualmente não consegue integrar. Sua história, portanto, narra não apenas o colapso de um homem, mas o reflexo distorcido dos próprios abismos que a civilização se esforça para negar.

## 6.7 PERSPECTIVAS MITOLÓGICAS E ARQUETÍPICAS: GEIN E O MITO DE DEMÉTER E PERSÉFONE

A análise do caso Gein através de lentes mitológicas revela paralelos profundos com narrativas arquetípicas universais, em especial com o mito grego de Deméter e Perséfone. Na narrativa,

Perséfone vive sob o domínio absoluto da mãe, Deméter, deusa da terra e da fertilidade, sendo mantida em um estado de isolamento e infantilização na planície de Nysa. Seu rapto por Hades e descida ao submundo representam uma ruptura violenta, porém necessária, para seu desenvolvimento.

Na exegese junguiana, Perséfone simboliza a psique feminina (ou, em uma leitura ampliada, o aspecto egóico em desenvolvimento), enquanto Deméter encarna o arquétipo da Grande Mãe em sua dimensão tanto nutridora quanto possessiva. O submundo configura o reino do inconsciente profundo, e o rapto constitui a descida iniciática — uma crise arquetípica que força o confronto com os conteúdos sombrios e a posterior transformação. Conforme analisa Serbena (2010), "o mito representa a estrutura arquetípica universal da passagem da dependência para a autonomia, da inocência para a experiência, do mundo maternal para o self individual" (p. 45).

Contudo, como adverte Neumann (2001), "quando a descida ao inconsciente é impedida pela força do arquétipo materno negativo, a psique permanece estagnada, presa à mãe arquetípica, e o inconsciente tende a irromper de forma destrutiva e fragmentada" (p. 166). Esta é a chave para entender a distorção trágica no caso Gein.

A morte de Augusta Gein representou para Edward o equivalente arquetípico do rapto de Perséfone — uma ruptura catastrófica que exigia uma descida ao inconsciente e um confronto radical com a Sombra. No entanto, ao contrário da heroína mitológica, Gein estava psicologicamente desprovido dos recursos para realizar essa descida de maneira simbólica e integradora. Sua psique, estruturada em torno da identificação com a Mater Terrible, não poderia gerar uma Perséfone capaz de descer e retornar transformada. Em vez disso, ele literalizou o processo de forma regressiva e aterradora. Seu "submundo" não foi um espaço psíquico de transformação, mas o cenário concreto da morte e da decomposição. Seu "rapto" não o levou a um encontro transformador com Hades (o arquétipo do masculino profundo/anímico), mas o deixou cativo no domínio da Mãe Morta, onde a única forma de relação com o feminino permaneceu a posse de um objeto inerte. Dessa forma, o mito que narra o caminho para a individuação torna-se, no caso Gein, o roteiro de sua interrupção definitiva.

## 6.8 IMPLICAÇÕES PARA A COMPREENSÃO DA PSIQUE HUMANA

O caso Edward Gein, analisado através da estrutura teórica da Psicologia Analítica, transcende seu valor como curiosidade mórbida para oferecer contribuições substantivas à compreensão dos processos psíquicos profundos. Sua história ilustra, com uma clareza trágica e excepcional, as consequências catastróficas da interrupção radical do processo de individuação e da repressão sistemática e patologizante de arquétipos fundamentais.

Conforme Stein (2000) observa, "o estudo de casos extremos como o de Gein permite iluminar aspectos da psique humana que, em situações normais, permanecem ocultos nas profundezas do inconsciente" (p. 156). Através da análise de sua fragmentação, torna-se possível vislumbrar, em negativo, os mecanismos universais que regem a integração saudável dos arquétipos e a edificação do Self.

A configuração psíquica singular de Gein — caracterizada pela dominação absoluta do complexo materno negativo, pela repressão total da Anima e pela irrupção autônoma e literal da Sombra — representa uma variação patológica de intensidade máxima de dinâmicas que, em graus menores, são constitutivas da experiência humana universal. Como observa Hillman (1997) de forma incisiva, "o que nos horroriza no outro é sempre, em alguma medida, aquilo que reconhecemos como potencial em nós mesmos" (p. 189).

Portanto, a relevância última deste estudo não reside em dissecar uma monstruosidade, mas em reconhecer, através de seu espelho distorcido, a arquitetura universal da psique que todos compartilhamos. Gein nos confronta com o preço da não-individuação e com o poder destrutivo dos arquétipos quando negligenciados. Seu legado, para a psicologia profunda, é um alerta solene sobre a necessidade de confrontar a Sombra, dialogar com o feminino interno e transcender os complexos parentais — não como exercício de abstração, mas como imperativo ético para a constituição de uma humanidade mais integrada e consciente de seus próprios abismos. Desse modo, o "Monstro de Plainfield" convida-nos, paradoxalmente, a uma jornada de maior humanidade: a de reconhecer, no horror mais extremo, os ecos distorcidos de nossas próprias batalhas psíquicas pela totalidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise transversal do caso de Edward Theodore Gein através do referencial teórico da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung permite compreender suas manifestações comportamentais não como meros fenômenos psicopatológicos isolados, mas como expressões sintomáticas e simbólicas de um processo de individuação radicalmente interrompido. A repressão total da Anima, em conluio com a dominação de um Complexo Materno Negativo e a posterior irrupção autônoma da Sombra, impediu de forma absoluta a integração psíquica, canalizando uma energia arquetípica colossal para a expressão literal e fragmentada de conteúdos inconscientes.

Como afirma Jung (2016) de maneira profética, "o que não é integrado retorna sempre como destino, ainda que sob formas que a consciência não pode reconhecer como próprias" (p. 89). A história de Gein é a ilustração trágica e didática dessa dinâmica fundamental, demonstrando as consequências últimas da falha em confrontar e integrar os arquétipos fundamentais da psique.

Ao revelar a dimensão destrutiva da psique em estado de desintegração, o estudo do caso Gein demonstra que a psicologia profunda oferece um instrumental único para compreender como conteúdos reprimidos do inconsciente coletivo podem manifestar-se em comportamentos extremos. Essa compreensão teórica fundamenta uma abordagem menos moralizante e mais compassiva dos fenômenos psíquicos extremos, situando-os no contexto amplificado das dinâmicas arquetípicas universais, das quais todos participamos.

Portanto, a decifração da dimensão simbólica por trás de tais manifestações torna-se imperativa para uma psicologia contemporânea que almeje integrar os aspectos mais sombrios e potencialmente disruptivos da experiência humana. Através dessa integração conceitual, torna-se possível vislumbrar o desenvolvimento de abordagens terapêuticas mais efetivas e abrangentes, capazes de acolher a totalidade da psique — inclusive seus abismos. O caso Gein, em última instância, serve como um marco trágico e um convite irrecusável: o de enxergar, mesmo nas expressões mais aterradoras da psique, não uma monstruosidade alheia, mas um reflexo distorcido dos potenciais de desintegração e reintegração que residem na condição humana universal. Seu legado, assim, não é apenas o do horror, mas o de um profundo chamado à responsabilidade pelo próprio processo de individuação.

## REFERÊNCIAS

- Hillman, J. (1997). O código do ser (3<sup>a</sup> ed.). Objetiva.
- Hopcke, R. H. (2012). Guia para a obra completa de C. G. Jung (3<sup>a</sup> ed.). Vozes.
- Jung, C. G. (2014). O eu e o inconsciente. Vozes.
- Jung, C. G. (2011). Os arquétipos e o inconsciente coletivo (Obras completas de C. G. Jung, Vol. 9/1). Vozes.
- Jung, C. G. (2012). Símbolos da transformação Vol.5. Vozes.
- Jung, C. G. (2012). Aion: Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo (10<sup>a</sup> ed.). Vozes.
- Jung, C. G. (2008). Os arquétipos e o inconsciente coletivo (6<sup>a</sup> ed.). Vozes.
- Jung, E. (2006). Anima e Animus. Cultrix.
- Neumann, E. (2001). A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. (3<sup>a</sup> ed.). Cultrix.
- Samuels, A. (2016). Jung e os pós-jungianos. Vozes.
- Schefler, R. (2014). Psychopathology and the archetype of the mother: A Jungian analysis of Ed Gein. *Journal of Analytical Psychology*, 59(2), 210–228.  
<https://doi.org/10.1111/1468-5922.12063>
- Serbena, C. A. (2010). Considerações sobre o inconsciente: Mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. *Diálogos (im)pertinentes - Dossiê inconsciente*, 16(1).  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100010)
- Stein, M. (2000). Jung: O mapa da alma. Cultrix.
- Von Franz, M.-L. (1985). A sombra e o mal nos contos de fadas. Paulusfra.
- Von Franz, M-L. (1995). O feminino nos contos de fadas (2<sup>a</sup> ed.). Vozes.
- Von Franz, M.-L. (1990). A tipologia de Jung. Cultrix.
- Whitmont, E. C. (1998). A Busca do Símbolo. Cultrix.
- Zweig, C., & Abrams, J. (1991). Ao encontro da sombra (M. T. R. de Oliveira, Trad.). Cultrix.